



BRANCA SOBREIRA

20



© Moinhos, 2017.
© Branca Sobreira, 2017.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Revisão:
LiteraturaBr Editorial

Projeto Gráfico:
André Miyasaki

Diagramação:
LiteraturaBr Editorial

Ilustrações:
Samantha Canovas

Capa:
Lily Oliveira

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

Nesta edição, respeitou-se o
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

S677v
Sobreira, Branca | Vinte
ISBN 978-85-92579-18-0
CDD B869.3
Índices para catálogo sistemático
1. Contos I. Título

Belo Horizonte:
Editora Moinhos
2017 | 56 p.; 21 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos
editoramoinhos.com.br
editoramoinhos@gmail.com

“às incertezas de uma década”



Surge leve como uma pluma e quando chega precisa ser logo vista e dita. Em voz alta ou entre linhas. As palavras podem se perder dentro da mente e não serem mais encontradas. É tanto e nada. É nada e tudo. O que me impulsiona. Aquilo, simples. Uma ideia que chega, surge na cabeça e em minutos vai pro papel. Ela precisa ser pura e sincera, quase como uma paixão adolescente. Não precisa ter esforço. O sentimento surge com ela e tudo vai junto. Sem amarras, apenas segue o fluxo. Sentir, pensar, deixar. Finalmente um sonho em páginas, de modo que ninguém possa mais esquecer o meu mundo.



Já vi um rei se vestir de miserável e contar inverdades sobre isso e aquilo e como a vida dele era difícil. Ele vivia numa prisão escura sem portas e janelas e só conseguia ver um resto de luz por uma rachadura entre o chão e a parede. Várias oportunidades foram dadas para que ele saísse, mas ele não conseguia. Certa vez chegou a colocar os dois pés pra fora, mas a luz do dia e o sol da manhã o assustaram, então afugentado como um rato ele voltou para onde era confortável, para a cela úmida e sem vida em que morava, onde conhecia cada canto e cada detalhe e cada mofo da parede. Onde as coisas mais feias se tornaram as mais lindas. Onde as baratas e lagartas eram suas amigas e a doença em sua alma uma velha conhecida. Um dia, uma donzela lhe estendeu a mão e pediu para que a segurasse, assim ele o fez. Segurou sua mão e sentiu sua pele macia em volta dos seus dedos, sentiu o aroma das rosas em seus cabelos e sentiu que podia ser livre outra vez. Mas quando a olhou bem dentro de seus olhos e viu sua alma límpida e ouviu as histórias saindo de seus lábios cor de rosa, ele se desesperou. Um pânico o invadiu por completo. Não era

merecedor, aquilo não era pra ele. Então disse pra donzela ir na frente, que ele iria logo em seguida. Livre da descrença, ela acreditou, mas ele nunca mais apareceu. E o seu coração sangrou de decepção, como ela era capaz de tudo e ele de nada. Como tinha demorado tanto pra conhecer uma pessoa tão errada. Então ela seguiu sua vida, um dia após o outro. Ouvindo músicas, colhendo amor e se alimentando da alegria, até que um dia encontrou a cela do rei vazia. E descobriu que ele nunca havia sido rei e sim apenas um pedaço daquele lugar, como um inseto ou um tijolo. Ele nunca poderia ser mais do que aquilo, as amarras que ele mesmo colocou em seus pulsos eram tudo o que ele tinha. Viver fora daquele lugar seria o seu pior pesadelo e ruína. Sem entender, ela foi embora e não tentou mais ajudá-lo, mas dessa vez não doeu e nem sangrou. Cada um escolheu o caminho que desejou. Ele o da escuridão e ela o da luz.

Duas mulheres únicas. Duas mulheres distintas. Duas mulheres diferentes e ao mesmo tempo duas mulheres semelhantes. Semelhantes até por suas grandes diferenças. Uma queria contrariar a outra, não cometer os mesmos erros e por fim tentar fugir do inevitável. Tinham o mesmo sangue. As mesmas origens. Inegável o fato de que uma pertencia à outra em tantos sentidos diferentes. Sentidos. Tantos. Como as fases da vida. Um ciclo de sentimentos. Apenas um dia qualquer. As duas mulheres viajavam eternamente entre emoções. Memoráveis aventuras. Abandonada, fracassada. A outra sentia o mesmo, mas negava sempre, nunca deixava muito clara as suas verdadeiras emoções. Invertiam os papéis. Uma consolava a outra com dureza e firmeza. Tentava mostrar o quanto era forte. Ninguém é perfeito. As duas mulheres eram imperfeitas. Imperfeições. Cheias de imperfeições. Tinham imperfeições por todos os lados. Em cada esquina, apontando o dedo e rindo de suas caras amargas. As duas mulheres se encontravam todos os dias, cada uma com sua rotina. Não tinham assunto ou conversavam por horas. Uma sempre presen-

te na vida da outra. Mesmo distantes, em cidades diferentes ou à beira do precipício. Sempre juntas. Um vínculo inexplicável, secreto, estranho. Às vezes, sentiam ódio. Do sofrimento, do destino. Ódio. Amor. Amores. Já amaram, já foram amadas e sentem amor uma pela outra.

